

## Literatura para a infância portuguesa contemporânea - leituras da história da Revolução de Abril

Ana Margarida Ramos

[Recibido, xullo 2008; aceptado, outubro 2008]

RESUMO Em Abril de 1974, depois de quase meio século de Ditadura, Portugal conquista a liberdade e saúda um governo democrático. Em consequência da Revolução de Abril também chegou ao fim a Guerra Colonial, depois de mais de uma década de existência, uma das principais responsáveis pela queda do regime fascista. Com o fim da Ditadura fecha-se o ciclo imperial português, mantido ao longo de séculos de existência, conduzindo à independência dos países africanos. Este ponto de viragem na História Portuguesa recente tem sido revisitado e recriado por alguns dos mais conceituados escritores portugueses contemporâneos, incluindo autores como José Saramago, António Lobo Antunes, José Cardoso Pires, entre outros nomes pertencentes também ao universo da literatura para a infância. A Revolução dos Cravos, e o tempo imediatamente anterior e posterior, tem sido tratada de diferentes perspectivas, ora mais comemorativas, ora de carácter mais pedagógico ou interventivo, tanto na poesia como na prosa, com relativa regularidade. É objectivo deste estudo proceder à análise e interpretação de algumas das obras mais relevantes sobre este tema, no que à literatura de potencial recepção infantil diz respeito, com vista a reflectir sobre recorrência de determinados temas e motivos.

PALAVRAS CHAVE: ditadura, história, literatura para a infância, narrativa, revolução.

ABSTRACT In April, 1974, after almost half a century of dictatorial rule, Portugal regained the freedom it lost and greeted a Democratic government. This also led to the end of the colonial war, which had lasted for over a decade, and was one of the major players in the fall of the fascist regime. This concluded a historical cycle which resulted in independence for the African nations involved and the end of a colonial 'Empire' which had governed for over five centuries. This turning point in Portuguese History has been revisited and recreated by some of the most acclaimed contemporary authors, including such auspicious names as José Saramago, António Lobo Antunes, José Cardoso Pires, among others even in the area of children's literature. The *Carnation Revolution*, (and the time immediately preceding and following it) has been dealt with, in both poetry and prose, from a number of different perspectives, from a

commemorative or pedagogical standpoint to an interventional one, with works on the subject matter published regularly. The aim of this paper is to take a closer look at some of the most important works on the theme, with particular reference to Portuguese literature with a view to highlighting the recurrence of specific themes and forms.

KEYWORDS: children's literature, Dictatorship, History, Revolution.

No que à literatura de potencial recepção infantil diz respeito, são muitas as revisitações realizadas deste momento particular da História portuguesa contemporânea. Em comum, os vários textos de cariz narrativo que se dedicam a este tema têm a combinação de uma funcionalidade pedagógica (mais ou menos assumida) com outra estética, procedendo, deste modo, à divulgação do tema junto dos leitores mais pequenos e à sua recriação literária. A intervenção política mais ou menos activa dos seus autores poderá também explicar as opções temáticas realizadas.

Além disso, assiste-se, muito recentemente, a um grande incremento das edições destinadas ao público mais jovem centradas na temática histórica. A publicação de várias colecções, em diferentes editoras e sob pontos de vista também distintos, de obras narrativas que revisitam a História portuguesa, desde as suas origens até à contemporaneidade, parece sublinhar a importância da divulgação deste conhecimento junto das gerações mais jovens. É notório, aliás, o esforço de aproximação aos ambientes históricos recriados, quer pelo estabelecimento de comparações e a procura de afinidades, quer pelo recurso a uma componente imagética que, de algum modo, procura representar os cenários e os seus protagonistas, permitindo a sua visualização. Veja-se, entre outras, o caso da Quetzal, com os dois volumes da colecção “Contado aos pequenotes”; a colecção do Expresso “Era uma vez um rei...”, onde são publicadas as biografias dos reis portugueses das várias dinastias; a colecção “Nomes com História”, da Editora Zero a Oito, editadas por uma grande superfície comercial; ou, ainda, a colecção “História de Portugal” da QuidNovi, para não falar de colecções que recriam, muitas vezes em formato de álbum, lendas e contos tradicionais de fundo histórico ou que dão conta do significado histórico de monumentos e lugares. Na maioria dos casos, o discurso utilizado, mesmo quando a publicação não se insere exclusivamente no domínio do literário, situando-se antes na divulgação histórica, é semelhante. De forma sintética e acessível, com recurso a comparações e a exemplos concretos, o texto centra-se na narração dos factos, dando especial atenção à

análise do seu significado e das suas consequências concretas na vida das pessoas. Assim, mesmo quando os livros são criados em torno de uma figura individual, muitas vezes heróica, como um Rei ou um Santo, não é esquecido o contexto que os suporta, incluindo a narração da sua infância e da sua educação, transformando-os assim, aos olhos do leitor, em figuras humanas, próximas e reconhecíveis.

No que diz respeito ao momento histórico em apreço, destaquem-se os volumes *Anos de Ditadura – Salazar* (2007), *A Luta pelas Colónias – Guerra do Ultramar* (2008) e *25 de Abril – Revolução dos Cravos* (2008), respectivamente os números 14, 15 e 16 da colecção “História de Portugal” da editora QuidNovi. Ilustrados por Carla Nazareth, está bem patente a forma como a variação cromática se coloca ao serviço do momento histórico revisitado, conotado com determinadas cores cujo simbolismo não escapa à atenção dos leitores mais pequenos. Deste modo, os anos da Ditadura são ilustrados apenas com recurso ao preto e branco –e as várias variações de cinzento– sublinhando a opressão e a censura que caracterizava a ditadura em Portugal. As prisões, a Mocidade Portuguesa e uma certa ideia de infância muito controlada por via de uma educação conservadora são os elementos centrais das imagens que acompanham um texto onde se reproduzem, com fidelidade e num registo acessível, os momentos mais marcantes das décadas em que Portugal foi governado, com mão de ferro, por Salazar. No livro sobre a Guerra Colonial, assiste-se ao avolumar da oposição e da resistência ao governo português, motivados pelo descontentamento popular e pela justiça da pretensão independentista das colónias. Marcada pelo sofrimento, tanto dos portugueses como dos africanos, na narrativa ecoa ainda a ideia da injustiça associada a qualquer conflito bélico, descrito como “maldita guerra” (Almeida, 2008a: 27). A Primavera marcelista e as esperanças de abertura criadas com o afastamento de Salazar rapidamente se esfumam, não deixando margem de manobra ao governo e à oposição. De algum modo, estes dois volumes parecem funcionar como causas de um terceiro, o que se centra na narrativa da Revolução propriamente dita, consequência quase natural de várias décadas de opressão, censura, pobreza e guerra. Neste livro, os elementos visuais mais marcantes são, além das personagens referenciais, retratadas com fidelidade e tornadas próximas pelo traço sensível da ilustradora, os objectos como os cravos e as espingardas. Estas, símbolo dos militares e do papel relevante desempenhado na mudança de regime, surgem, a par de outros elementos bélicos, conotadas com a Paz e a relativa tranquilidade que caracterizou a transição. Os cravos

têm, na própria estrutura do livro, uma centralidade relevante, não só pelo impacto cromático da cor vermelha que surge disseminada por várias páginas, mas também por todas as conotações simbólicas que os caracterizam, associando-os ao movimento popular espontâneo, à vida e ao florescimento de um país depois de décadas de fechamento e isolamentos profundos, à esperança no futuro e nas novas gerações, aos movimentos políticos de esquerda, determinantes na preparação da acção revolucionária.

Para um grupo de leitores de uma faixa etária mais elevada, foi publicado, também em 2008, *Lá longe onde o sol castiga mais – a Guerra Colonial contada aos mais novos*, de Jorge Ribeiro. Nesta publicação, que conta, a servir de ilustração, com inúmeros documentos reais, desde fotografias, a mapas, incluindo jornais, cartas e aerogramas, é reconstituída a participação portuguesa na Guerra Colonial a partir das memórias dos antigos combatentes. Instigados pela professora, os alunos descobrem, nas recordações dos seus avós, todo um passado esquecido e, muitas vezes, branqueado. O processo de revisitação parece actuar como catarse para os ex-combatentes e como descoberta para os adolescentes, confrontados com uma realidade simultaneamente próxima e distante. Sem tabus, a luz da memória ilumina algumas das sombras mais assustadoras da Ditadura em Portugal, falando, na primeira pessoa, dos combates, dos medos, das doenças, da resistência, do amor e da morte.

272

No âmbito da narrativa literária, e depois de um estudo anterior (Ramos, 2005) onde passámos em revista um conjunto significativo de textos conotados com este momento particular da história nacional, interessa dar conta da assiduidade do tratamento do tema, bem como das múltiplas perspectivas que sobre ele se cruzam. A cada novo aniversário da Revolução dos Cravos, e já lá vão trinta e quatro, vão surgindo, às vezes timidamente, outras de forma muito empenhada, mesmo do ponto de vista político e ideológico, obras onde ecoa o espírito de libertação herdado da madrugada de 25 Abril de 1974.

Vejamos alguns dos exemplos mais recentes.

Matilde Rosa Araújo, incluía, em 1983, na colectânea *A Velha do Bosque* (Livros Horizonte), o conto “História de uma flor”. O texto, agora editado autonomamente pela Caminho (2008), com soberbas ilustrações de João Fazenda, em formato de álbum de grandes dimensões, merecia este tratamento destacado, pelo pioneirismo no tratamento do tema, pela qualidade do texto

e pela perspectiva adoptada. A autora cruza a dimensão simbólica com a histórica, criando uma metáfora particularmente expressiva da libertação ocorrida em Portugal a seguir ao 25 de Abril. A partir da narrativa centrada na vida de uma flor entaipada e ignorada “num canto escuro da terra”, é metonimicamente recriada a História sombria e pantanosa de Portugal durante a Ditadura. O momento da iluminação da flor, numa madrugada primaveril, coincide com a Revolução de Abril, implicitamente referida: “Nas ruas havia flores vermelhas por toda a parte. No peito das mulheres, dos homens, nos olhos das crianças, nos canos silenciosos das espingardas”. Mais do que um final feliz, a chegada da liberdade representa o início de um caminho a ser trilhado por todos, tal como sugere a estrutura aberta da narrativa: “E continuaram a caminhar” (*idem*). As ilustrações, assim como o formato da edição e até o tipo de papel seleccionado, complementam o texto, dando conta do universo recriado através das sugestões introduzidas pelas variações de luz e cor. De forma acessível e claramente conotadas com os anos setenta, as imagens de João Fazenda ajudam a compreender a metáfora que estrutura o texto e aproximam os leitores da realidade recriada.

Revisitação poética da história do 25 de Abril de 1974, com particular relevo para os antecedentes da Revolução, recriando a vida em Portugal durante a vigência do Estado Novo, *Romance do 25 de Abril* (2007), de João Pedro Mésseder, sublinha ainda as consequências trágicas desse longo período da História portuguesa contemporânea, como as perseguições políticas, a censura e a Guerra Colonial, entre outros aspectos. A opção pelo “romance”, enquanto género da literatura tradicional, permite a valorização da memória e do cariz épico da história narrada, destinada a perdurar pela transmissão oral de geração em geração. Com ilustrações de Alex Gozblau, o livro ganha uma especial identidade, vendo sublinhada a dimensão referencial da narrativa através da representação iconográfica fiel das figuras cimeiras do Estado Novo. As ilustrações sugerem de forma particularmente intensa a transição entre a Ditadura e a Liberdade, servindo-se da variação cromática com evidentes intenções semânticas e pragmáticas. Vejam-se, entre outros, como elementos claramente significativos do ponto de vista visual, a articulação entre a capa e a contracapa, assim como a leitura das guardas iniciais e finais, retomando alguns dos motivos simbólicos mais significativos da época revisitada.

Percorrendo uma das linhas temáticas que lhe é particularmente cara, Francisco Duarte Mangas, em *O Ladrão de Palavras* (2006), tematiza, de forma

alegórica mas acentuadamente pertinente, questões ligadas à falta de liberdade de expressão e à importância da palavra enquanto elemento modelizador do mundo. As consequências do medo e da auto-censura conduzem os homens e as crianças à tristeza a que só a coragem, a determinação e o Verbo libertador poderão pôr fim. Metáfora dos tempos difíceis da opressão –simultaneamente tão distantes e tão próximos– e do caminho percorrido na via da libertação, *O Ladrão de Palavras* traz para o universo da produção literária de destinatário infanto-juvenil uma temática associada à literatura interventiva/comprometida. As ilustrações de Alain Corbel, combinando sugestivas influências cubistas e expressionistas, corporizam a dimensão metafórica que estrutura o texto, dando especial relevo à oposição entre opressão e liberdade; silêncio e palavra; tristeza e alegria; morte e vida, e traduzindo cromaticamente estas ideias. As guardas iniciais e finais permitem perceber a evolução verificada por acção da coragem e da libertação, cristalizando de forma clara os binómios já referidos.

274

No âmbito da produção de destinatário preferencial juvenil, destaque-se a novela da autoria de Maria Mata, vinda a lume em 1996. Este terceiro volume das aventuras de Luís, Ana, Filipe e Nuno, intitulado *L. A. & C<sup>a</sup> no meio da revolução* (1996), conta com ilustrações de Susana Oliveira, recria, a partir do ponto de vista das crianças protagonistas, a experiência da Revolução de Abril de 74, as suas movimentações civis e militares e o significado simbólico da data. Criando um curioso jogo temporal e narrativo, a autora procede ao encaixe de uma narrativa dentro de outra passada vinte anos antes da primeira, submetendo-se, assim, a uma estratégia recorrente no romance histórico contemporâneo. Estruturado sob a forma de uma novela histórica e integrando muitos elementos das narrativas juvenis de mistérios e aventuras, o livro cruza factos históricos com outros ficcionais, esclarecendo os leitores contemporâneos sobre os contornos daquela data. É também a funcionalidade informativa que justifica o paratexto final, contendo dados explicativos sobre o 25 de Abril e as fotografias alusivas à data, na sua grande maioria de Eduardo Gageiro (1935), nome incontornável do fotojornalismo português.

A novela de Mário Castrim, *O Caso da Rua Fau* (1999), tematiza, de um ponto de vista singular, a questão da vigência da Ditadura salazarista e os seus reflexos no universo escolar, recriando, através de uma narrativa encaixada, as diferenças entre a actualidade e o Estado Novo. Trata-se, de alguma forma, de aproximar os jovens leitores contemporâneos, através das comparações

implicitamente sugeridas, a uma realidade desconhecida, marcada pela falta de liberdade, pela censura e pela intolerância. O ambiente escolar, as relações entre os jovens, as condições de vida das famílias assim perspectivados permitem perceber as modificações introduzidas pela Revolução de Abril e pela Liberdade. Com um discurso vivo e cativante, marcado pela coloquialidade e pelo diálogo e acção constantes, Mário Castrim (1920-2002) consegue cativar os leitores e desafiá-los a tirar as suas conclusões pessoais das várias histórias que aqui são narradas.

Ao publicar o conto “Os Barrigas e os Magriços”, Álvaro Cunhal (1913-2005), líder histórico do Partido Comunista Português, propõe-se narrar, numa linguagem adequada aos destinatários preferenciais, a história dos antecedentes que explicam a Revolução de Abril de 1974. Socorrendo-se de uma parábola e explicitando, de forma muito clara e visual, a oposição entre os exploradores e os explorados, o autor justifica a necessidade da mudança com o cansaço de anos e anos de exploração e sofrimento das classes operárias e mais desfavorecidas. Interpela directamente o narratário “obrigando-o” a tomar partido ao lado dos “magriços” que, cansados da opressão e da fome, resolveram tomar o poder nas mãos e criar uma sociedade mais justa e mais solidária. É curioso como o narrador explora a polissemia do conceito de magriço, tradicionalmente associado à imagem do português leal e justo, combatente ao lado dos perseguidos e injustiçados – relembre-se o episódio das novelas de Cavalaria (que Camões também aproveita na sua epopeia para definir e exemplificar o verdadeiro cavaleiro português) onde o jovem Magriço, depois de atravessar, por terra, parte significativa dos territórios europeus, combate em defesa da honra de uma donzela inglesa ofendida por um seu conterrâneo – mas também aqui interpretado de forma literal, como associado à excessiva magreza resultante das difíceis condições de vida existentes. Esta ideia sai ainda mais reforçada perante a oposição face os “barrigas” opressores e exploradores, bem nutridos à custa do trabalho e do sofrimento alheios. A oposição –algo simplista pelo maniqueísmo que encerra– entre estes dois grupos de personagens não deixa margem para dúvidas sobre o significado do confronto e sobre a posição do autor/narrador. Do ponto de vista linguístico, veja-se como o narrador, pela utilização de repetições e de estruturas paralelísticas na descrição dos dois grupos em confronto, clarifica a oposição estrutural que está aqui em causa. Com um discurso acessível, construído com base no diálogo, nos seus comentários esporádicos, no uso de comparações, imagens e na própria metáfora que estrutura todo o conto, o narrador se

refere, de forma implícita mas acessível e facilmente compreendida, às ideias de exploração, de censura, de perseguição, mas também de revolução, de igualdade, de justiça, de liberdade e até de reforma agrária...

Também mais vocacionada para o público juvenil, veio a lume, em 2008, a colectânea de breves contos *7x25 Histórias da Liberdade*, de Margarida Fonseca Santos e ilustrações de Inês do Carmo. O volume agrupa sete pequenas narrativas que, de forma original, dão voz a objectos inanimados, íntima e simbolicamente ligados à Revolução de Abril, ou ao tempo que a antecede. Assim, a história daqueles dias tão especiais, nos quais o dia se fez “inicial inteiro e limpo”, como Sophia de Mello Breyner Andresen o descreve ainda no calor dos acontecimentos, é perspectivada, sucessivamente, pelo semáforo vermelho que, durante alguns minutos, susteve a marcha da revolução e a caminhada dos militares até ao Largo do Carmo; pela porta do estúdio da Emissora Nacional, onde foi lido, por Joaquim Furtado, aos microfones daquela estação, a primeira comunicação oficial ao país por parte do Movimento das Forças Armadas; pela espingarda dos soldados que, em vez de disparar tiros, se encheu, simbolicamente, de cravos e de esperança; pelo lápis azul da Censura que, depois da Revolução, perde a sua função original e passa a colorir desenhos inocentes de uma criança; pelo documento incriminatório, metonímia da perseguição da PIDE que, deixando de haver delito de opinião, deixa de fazer sentido e perde o seu poder; pelo megafone com que os jovens são chamados a participar e a intervir activamente nas decisões políticas do seu país; e pelo portão de Caxias, uma das mais terríveis prisões políticas localizadas em solo português, aberto alguns dias depois da Revolução, conduzindo os presos para a Liberdade. Percepcionados a partir de pontos de vista originais, alguns relativamente exíguos mas todos profundamente simbólicos, os acontecimentos da Revolução de Abril são recriados de forma acessível, com recurso a elementos reconhecíveis do quotidiano e, desta forma, tornados próximos do universo infantil.

Em comum, os textos analisados, assim como outros que enformam o *corpus* da literatura portuguesa para a infância e juventude subordinados a esta temática, têm a preocupação em articular uma dimensão estética, associada quer às qualidades artísticas do texto e das imagens que integram os livros, com outra, explícita ou implicitamente pedagógica, conotada com a divulgação, junto das gerações mais novas, de um acontecimento determinante da História recente de Portugal. A combinação equilibrada destas duas vertentes resulta em publicações que, sem negarem o contexto histórico e ideológico

que as suporta, apelam a um olhar mais atento sobre o real, sobre a importância da Liberdade e da Democracia nos pequenos gestos do quotidiano –em casa, na escola, na família– ao mesmo tempo estimulam a curiosidade dos pequenos leitores sobre o passado e sobre o seu significado.

Feita de diálogos e de partilhas, a narração literária de factos históricos confere um simbolismo particular às efemérides, aproximando-as às reais vivências das crianças contemporâneas, tornando-as afectiva e temporalmente relevantes.

Desmitificados e retirados do invólucro dos acontecimentos distantes, quase fantásticos, os acontecimentos parecem assim ganhar uma existência concreta e o significado palpável no presente e no dia-a-dia dos cidadãos, independentemente da sua idade.

Ana Margarida Ramos  
Universidade de Aveiro – Portugal

277

### Referências bibliográficas:

- Almeida, Paula Cardoso. 2007. *Anos de Ditadura - Salazar*. Ilustrações de Carla Nazareth. Matosinhos: QuidNovi.
- 2008a. *A Luta pelas Colónias – Guerra do Ultramar*. Ilustrações de Carla Nazareth. Matosinhos: QuidNovi.
- 2008b. *25 de Abril – Revolução dos Cravos*. Ilustrações de Carla Nazareth. Matosinhos: QuidNovi.
- Araújo, Matilde Rosa. 2008. *História de uma Flor*. Ilustrações de João Fazenda. Lisboa: Caminho.
- Castrim, Mário. 1999. *O Caso da Rua Jau*. Ilustrações de José Saraiva. Porto: Campo das Letras.
- Cunhal, Álvaro. 2000. “Os barrigas e os magriços”, en *Visão*, 7 de Junho.
- Mangas, Francisco Duarte. 2006. *O Ladrão de Palavras*. Ilustrações de Alain Corbel. Lisboa: Caminho.

- Mata, Maria. 1996. *L. A. & C<sup>a</sup> no meio da revolução*. Ilustrações de Susana Oliveira. Porto: Civilização.
- Mésseder, João Pedro. 2007. *O Romance do 25 de Abril em Prosa Rimada e Versificada*. Ilustrações de Alex Gozblau. Lisboa: Caminho.
- Ramos, Ana Margarida. 2005. “Memórias da Revolução de Abril na Literatura para a Infância: diferentes formas de contar a mesma história”, en [http://195.23.38.178/casadaleitura/portalpha/bo/abz\\_indices/000693\\_ot\\_am\\_25a\\_a.pdf](http://195.23.38.178/casadaleitura/portalpha/bo/abz_indices/000693_ot_am_25a_a.pdf)
- Ribeiro, Jorge. 2008. *Lá longe onde o sol castiga mais – A Guerra Colonial contada aos mais novos*. S/local: Calendário.
- Santos, Margarida Fonseca. 2008. *7x25 Histórias da Liberdade*. Ilustrações de Inês do Carmo. Gaia: Gailivro.